VI ANNO. TERÇA-FEIRA, 2 DE JANEIRO DE 1866. N.º 514

O DISTRICTO DE AVEIRO

PREÇOS
ASSIGNATURA SEM ESTAMPILHA
Anno 3:200=Semestre 1:600=Trimestre 850 rs.
Cada numero avulso . . . . . 40 rs.

Publica-se regularmente ás terças e sextas-feiras de tarde.
Edição supplementar em dias indeterminados.
Subscreve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração — Rua Direita. — Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador, estampilhada. — Os escriptos enviados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos. — As assignaturas são pagas adiantadas.

PREÇOS
ASSIGNATURA COM ESTAMPILHA
Anno 3:800=Semestre 1:900=Trimestre 1:000
Annuncios e correspondencias, por linha 20 rs.

Politica interna

BOLETIM

Chegaram no dia 30 do mez passado a Lisboa da sua viagem pelo estrangeiro SS. MM. e A. R.

Entraram na capital, sem que, apezar de terem estado em climas differentes, a saude dos reaes viagantes soffresse. Longe de perder, o paiz lucrou com a viagem dos nossos reis pelas côrtes estrangeiras.

Os mal fundados receios, que, pela viagem de SS. MM. no estrangeiro, tomaram alguns espiritos, estão dissipados com a feliz chegada dos nossos soberanos.

Felicite-se todo o paiz pela sua boa vinda.

E' hoje o dia em que se abre, depois de curtas ferias, o parlamento. Tanto na camara alta, como na electiva estão para se resolverem duas questões ambas importantes. A questão da novação do contrato das linhas ferreas do sul e sueste, que se acha pendente da decisão da camara dos dignos pares, e que tão ventilada foi na camara popular e o tem sido na imprensa periodica, tal questão esperamos nós vêr decidida como o pedem as finanças do estado, e finalisada com o mesmo resultado, por que terminou na camara dos srs. deputados.

A questão, porém, que ora está para se resolver na camara electiva, a questão sobre o projecto de liberdade d'imprensa, importante como é, pede toda a attenção dos membros do parlamento; e apesar de ter já sido muito debatida, não deve ser votada sem que seja complectamente elucidada, e vista á luz dos verdadeiros principios. Está demandando isto a sua reconhecida transcendencia.

E' para crer que o parlamento illustrado, como se tem visto nas suas boas decisões, não approvará todas as disposições do projecto, mas só aquellas que são conformes com a liberdade de pensamento, substituindo as outras, que tolhem essa liberdade.

O *Diario* contém uma circular do secretario da commissão central da exposição universal a todos os governadores civis. Publica tambem a folha official o relatorio sobre o modo por que foi desempenhada a commissão aos portos do sul da America, pela esquadrilha composta das corvetas *Bartholomeu Dias*, *Estephania*, e *Infante D. João* debaixo do commando do capitão de mar e guerra, o sr. Antonio Sergio de Sousa.

O *Diario* de 30 do mez passado publica o decreto que approva o programma para o ceremonial da sessão real da abertura das côrtes geraes, que ha de ter logar hoje.

No mesmo numero da folha official encontra-se a carta de lei que auctorisa a prorogação do praso para a troca das antigas moedas de prata, e ordena que se cunhem novas moedas do mesmo metal até á quantia de trezentos contos.

Na imprensa periodica tem-se debatido muito a questão sobre o projecto da liberdade de imprensa. Tanto a favor, como contra tem-se escripto, e tem-se argumentado com razões mais ou menos solidas. Uns chamam ao projecto já *lei das rolhas*, e barafustam contra todo elle, vendo na sua approvação peias para o pensamento, algemas para a ideia, e calabouços para a palavra. Outros, ao revez, saudam o projecto, deparando nelle a emancipação da imprensa.

Não subscrevemos nem a uma, nem a outra opinião.

As nossas ideias sobre este ponto temol-as mostrado em alguns numeros deste jornal. Não cremos que o projecto seja completamente anti-liberal, porque deparamos nelle com disposições que achamos muito justas, muito conformes com a liberdade de pensamento, e que até vem despear a imprensa do que lhe tolhia os vôos e a liberdade.

O projecto do sr. ministro da justiça é em parte muito louvavel; tem disposições muito de harmonia com a liberdade do pensamento.

Já notamos um artigo do projecto, a que presidiu um espirito recto, e boas intenções de emancipar a imprensa. Á vista d'esse artigo acreditamos nos intuitos liberaes e justiceiros, que dictaram o resto do projecto. Quando se diz n'uma parte á imprensa — avançaste um passo, não é provavel que com intenções menos retas, se diga em outra—retrogradaste!

Estamos d'isto convencidos.

Em todo o projecto respeitamos a boa fé do sr. ministro da justiiça, e cremol-o dictado pelos bons desejos de melhorar a imprensa, porque nós não podiamos sem uma horrivel decepção deixar de crer na iniciativa, na illustração, na honradez do ministerio que actualmente está á frente dos destinos do paiz, — honradez, illustração e iniciativa, de que tado fartas provas. Que o diga o paiz, que viu cair ao impulso energico da mão d'este ministerio o absurdo monopolio dos vinhos do Douro. Que falle a abolição das moratorias. Que o digam os projectos da extincção dos juizes ordinarios, e da reforma do jury.

Já o temos dicto: o actual ministerio merece-nos toda a confiança; e olhando attentos para os passos que elle tem dado em prol da felicidade do paiz, e vendo o sentido com que projecta alguns dos artigos da reforma da imprensa, nasce-nos o convencimento de que foram rectas as intenções que presidiram á confecção do projecto. Não podemos crer outra cousa.

O projecto não está no caso de ser saudado por nós, com a emancipação para o pensamento; mas ao passo que nos não conformamos com algumas disposições delle, não o collocamos no razo estrado em que o rebaixam os seus detractores.

O projecto, na nossa opinião, não é nem completamente bom, nem completamente mau. Tem disposições justas; tem outras que nos parecem menos conformes com a liberdade de pensamento. Nem dizemos com uma esclarecida folha do paiz=*latet anguis*=, nem apregoamos com outras a emancipação da imprensa. É este o prisma, por que encaramos a questão.

A par das boas disposições que deparámos no projecto, avultam outras, que acreditamos defeituosas, e em pouca harmonia com a liberdade do pensamento — direito que deve assistir sempre á imprensa, e que lei nenhuma lhe pode roubar, sem que a apeie da missão nobre para que é destinada. Ainda assim não chamamos ao projecto, nem: *lei* das *rolhas*, nem vemos nelle a emancipação da imprensa.

A solução desta questão está dependente agora da decisão do parlamento, e esperamos vêr empenhados na lucta os bons athletas da palavra, e solvida a questão com a prudencia e justiça, que a sua muita importancia demanda.

O sr. deputado por Alhjó, José Paulino de Sá Carneiro, na sessão do dia 16 de dezembro passado, pronunciou na camara electiva um discurso em que apresentou differentes alvitres sobre a reforma do exercito.

Propoz o nobre deputado a reducção do quadro dos generaes, e quer ao mesmo tempo um augmento correspondente no quadro dos officiaes superiores, e a promoção ao generalato por armas, e não pela mera antiguidade dos postos de coroneis, sem se ter em consideração a sua procedencia, como até agora se tem feito, sem embargo de não ser tal systema mandado por lei.

Optamos pelo alvitre do illustre deputado, e concordamos com s. ex.ª em que a reducção do quadro dos generaes não traria inconvenientes alguns para o bom serviço do exercito; talvez nos bastassem vinte generaes de brigada e oito de divisão. Feita deste modo a reducção no quadro dos generaes, parece-nos que tenhamos numero sufficiente para se preencherem os primeiros commandos militares, e para que as praças de primeira ordem, cujo governo deve ser confiado a officiaes generaes, não carecessem de governadores, ficando do mesmo modo composto o supremo conselho de justiça militar e o estado-maior de Suas Magestades.

Mas reduzido assim o quadro dos generaes, é claro que do novo quadro unicamente poderiam fazer parte os generaes, a quem a sua idade, e estado de saude permittissem fazer serviços quando o paiz lh'os exigisse.

Estar o quadro do estado-maior-general, occupado por militares incapazes para o serviço activo, se por acaso for preciso começar uma campanha, é o mesmo que quando sobrevier o perigo, não ter generaes. Se tal succedesse, haveria necessidade de depositar os primeiros commandos militares nas mãos de homens promovidos na occasião, e em consequencia d'isso pouco aptos para commandarem, porque desconhecidos das tropas não podem ter o prestigio que tão essencial é ao general nas occasiões dss perigos.

Em quanto ao augmento no quadro dos officiaes superiores, o sr. Sá Carneiro quer que seja dado aos batalhões de caçadores um tenente coronel, tendo afóra isso um coronel e um major, como os regimentos de infanteria.

Não aceitamos sobre este ponto a opinião do illustre deputado, e talvez exporemos em artigo especial as razões que nos levam a desconcordar com o illustre deputado em respeito a esta reforma que se nos antolha de nenhuma importancia.

O sr. deputado no seu discurso aventou reformas que se não precisam, achou pessimo o estado do exercito, quando o exercito, precisando, confessamol o, d'alguns cuidados do governo, não demanda tanta reforma, nem está nas pessimas circumstancias em que o figura o illustre coronel.

O sr. Sá Carneiro fallou da promoção ao generalato por armas, mas não determinou o quadro dos generaes que haviam de pertencer a cada uma das armas. Diz-se agora que s. ex.ª está elaborando um projecto de lei sobre este assumpto. Aguardamos a apresentação do projecto no parlamento, e esperamos que o illustre deputado não desconsidere, como fez no seu discurso, as armas a que não pertence.

Foi ha poucos dias apresentado na camara electiva pelo sr. deputado Namorado um projecto de lei, para que fossem dadas pensões de 400$000 réis ás familias dos medicos e cirurgiões que fallecessem na occasião de qualquer epidemia.

Este projecto não foi approvado pela respectiva commissão.

É certo que os serviços que a classe médica presta á humanidade quando grassa alguma epidemia devem ser recompensados. Isto não desconhece de certo a commissão que negou o seu voto de approvação ao projecto do sr. deputado. A classe médica, quando uma epidemia flagella uma nação, presta serviços que não devem ficar sem recompensa. O homem que vae postar-se á beira do leito, em que agonisa um seu similhante, para lhe ministrar os soccorros da medicina, e que corre o risco de ser atacado pela mesma molestia que elle se esforça por debellar no doente, deve ser remunerado.

Poder-se-ha dizer que o dever obriga qualquer cidadão a morrer no seu posto, emquanto quizer exercer a sua profissão. Será; mas nas graves crises do perigo, quando a vida do medico corre risco e talvez mais do que a vida, — a subsistencia das suas familias, ha um outro dever que faz mais vulto, na sua consciencia, que é a conservação propria, e o amparo d'uma familia que com a morte do seu chefe póde cair em pobreza.

A pensão annual de 400$000 réis dada á familia pobre do medico ou cirurgião que morresse da epidemia reinante, prestando serviços aos doentes da mesma epidemia, vindo garantir a subsistencia da familia do medico, era um incitivo para abnegação da parte d'elle, porque lhe dava a certeza de que se fosse victima da epidemia, não ficariam as suas familias na pobreza.

É justo que haja recompensa para os actos de abnegação, que não teem outro nome os que praticam os facultativos que vão expôr a sua vida, para salvar a de seus concidadãos.

E nem se diga que não se recompensam os serviços do medico, sustentando o estado a sua familia depois da morte delle, porque se assim fosse não teriam desculpa os governos que teem dado pensões ás familias dos homens que serviram a sua patria.

O projecto do sr. Namorado não foi approvado pela commissão, é verdade; mas não porque ella desconhecesse a justiça que lhe assistia. A commissão não approvou o projecto, porque as más circumstancias da fazenda publica não comportam despezas. Foi esse o motivo, por que, sem questão, o projecto não teve o apoio da commissão.

Quando o thesouro está nas circumstancias em que actualmente se acha, não é occasião propria para se votarem pensões; mas esperamos que quando a fazenda publica esteja em melhor estado, o que não virá longe, attenta a illustração e competencia do sr. ministro da fazenda, e iniciativa provada de todos os outros srs. ministros, esperamos dizemos, que este projecto se converta em lei, a fim de que haja um incentivo para a abnegação, que tão necessaria é na classe médica.

Folhetim

A LINDA JOANNA

POR

Theophilo Gautier

VERSÃO DO FRANCEZ

(Continuado do n.º 513.)

O ramilhete nupcial, e os atavios de noiva, que a vista errante d'Amabel surprehendeu no fundo do espelho pela virente alvura e lustre virginal, pareceram-lhe ironia odiosa, e mofa cruel.

—Dispam-me, disse para as aias. De que me servem estes adornos fallazes? Não sou noiva, sou viuva: Quero um vestido preto.

—Mau, mau! exclamou lady Leonor, temos outra ideia romanesca! Isso é exorbitante!—vestir-se de preto!—um vestido de côr escura era sufficiente, porque no cabo de tudo não és casada. — Menina Amabel, vê ao que te arriscas; acaso essa resolução com o andar dos tempos te prejudicará. Não é Benedicto o unico esposo, que ha no mundo.

— Sim, minha tia; o unico para mim.

— Fallas de moça apaixonada! não ha perdas irreparaveis; neste mundo tudo se substitue, e tanto vale um homem como outro; tem fé na minha velha experiencia, disse empavonando-se lady Leonor, que, mercês á lisongaria inclusa na palavra *experiencia*, aventurou o epitheto «*velha*» para arredondar o periodo, e auctorisar a sentença.

Pela sua parte o pobre Guilherme Bautry, como não sabia assignar a razão de um acontecimento tão singular, percorria a rua pela vigesima vez com a estupida teima, que causa o que é incomprehensivel. Cuidava deparar sir Benedicto a poder d'idas e vindas; entrou muitas vezes nas poucas lojas da viella, e informou-se com os honrados vendedores de mercadorias das Indias orientaes e ocidentaes, e com os hospitaleiros proprietarios das lojas d'ostras e depositos de *spirit-wines*, *brandy*, e outras bebidas, que ordinariamente visinham com os mercados de peixe, — e todos lhe disseram, não ter visto passar ninguem parecido com os dois cavalheiros que descrevia.

Respondeu a policia interrogada, que nenhum passeante, nenhum ajuntamento víra á hora em que desapparecêra sir Arundell; além do que, o nevoeiro, que naquelle momento cegava tudo, tolhia a vista á distancia de mais de quatro passos; que não ouvíra o mais leve ruido, nem grito, nem estrebuchamento, nem o menor signal de lucta, e que seguramente o cavalheiro que buscava, se ausentára a seu sabor.

Onde havia de procural-o, n'uma cidade immensa como Londres, sem o minimo indicio, que podesse guiar as investigações, mas investigações, que forçosamente tinham de parar na soleira inviolavel do domicilio inglez,—caso que suspeitasse o retiro, que o escondia? Fôra falta de siso. Sir Guilherme Bautry não obstante foi á repartição da Policia, onde lhe prometteram não dormir sobre o caso, e d'onde se espalharam pela cidade uns cincoenta sabujos, que vagamundearam por quantas ruas era menos provavel encontral-os, e volveram á noute com sensivel desfalque na espessura das sollas, enlameados até á golla, mas sem nada haverem descoberto, que tivesse a minima relação com Benedicto ou Sidney.

Dirigindo-se a pé para casa de miss Amabel Vyvyan,— por quanto a agitação que o alvorotava fazia-lhe antepôr o exercicio pedestre á carruagem, — ia sir Guilherme monologando, e apesar da fleugma ordinaria dos inglezes entremeava o soliloquio de gesticulações, que seriam estranhas, se porventura em Londres se attentasse em alguem. No tocante ao acontecido pela manhã ia estabelecendo hypotheses, qual mais insoluvel.

— Só pelo diabo! dizia sir Guilherme; por maior que seja a reputação de homens excentricos, com que nos honram no continente, este feito do meu amigo Benedicto transpõe todas as raias da originalidade. Abrir mão nos umbraes da egreja da mais linda moça do reino unido é acção detestavel, de selvagem. Certo que Benedicto estava doido d'amores por miss Amabel; capricho não era; havia um anno que quotidianamente fallavam; não se enthusiasmára pois de leve. Tem miss Amabel alma tão formosa como o corpo, é tão encantadora por dentro como por fóra. Quem tão subito poude desenfeitiçar Benedicto? Descubriria no momento supremo vicio occulto, ou em phrase de solicitador — caso redhibitorio?

«Todavia quando iamos na sua carruagem para a egreja, parecia radiante de felicidade, embalado em sonhos do futuro, e não como quem meditava planos d'evasão. Parecia de seu bel prazer curvar a cabeça sob o jugo do hymeneu, e ninguem havia de dizer que ia rudemente sacudir as orelhas, e deitar a fugir relinchando, como um potro bravio. Forçosamente se lhe pintou em côres bem attractivas a vida de rapaz solteiro no ponto de largal-a; ou fez-lhe Sidney ácerca de miss Amabel, algumas das terriveis revelações, que marcam como ferro candente, e cortam como um machado. Mas que haverá que dizer de vida tão pura, transparente, vivída n'uma habitação de chrystal, vida que pode justificar — para assim dizer — cada uma das suas horas, e em que a murmuração e a calumnia nem a sombra de um pretexto achariam? Que desengraçada estravagancia lhe viria propôr o tal Sidney? — viagem ao polo arctico? caçada de tigre ou panthera nas suas fazendas de Java? — Loucura sería, e Benedicto não é louco; ora, se Sidney não o empalmou, e metteu no bolço, declaro que não entendo.

Neste ponto atravessou o cerebro de sir Guilherme Bautry ideia luminosa.

— E se eu fosse vêr ao palacio que Sidney possue em Pall-Mall, e onde habitava antes de partir para a India?

Estavam fechadas as janellas do palacio, e tudo denotava que não era habitado ha longo tempo.

Guilherme arremessou o martello a golpes repetidos, e veio um criado abrir a porta depois de estirada pausa.

Saindo das partes mais reconditas do palacio patenteou o criado não vulgar surpreza, o que indicava como naquelle domicilio deserto era rara a presença de uma visita.

— Está em casa sir Arthur Sidney? arriscou Guilherme Bautry.

—E' provavel que esteja, mylord.

—Então queira dizer-lhe, que desejo fallar-lhe; ahi tem o meu nome, disse Guilherme ganhando terreno, e apresentando-lhe o bilhete de visita.

— Oh! mas... não é aqui, mylord, quero dizer, em Calcutta, rua do Elephante Azul, n.º 25; é esta a hora em que habitualmente vinha para casa. Sir Arthur Sidney ha dois que habita na India.

— E não voltou?

— Não, que eu saiba, respondeu o criado impellindo sempre Guilherme docemente para a porta.

— Mas não ha muito tempo que o vi eu n'uma rua ao pé da egreja de Santa Margarida.

— Talvez vossa excellencia se enganasse com pessoa similhante, porque se sir Arthur estivesse em Londres, havia de prevenir-nos da sua chegada, e é muito de crer, que viesse apear-se á porta do seu palacio, respondeu o creado n'um tom de cortezia ironica, e fechando na cara de Guilherme Bautry, que evidentemente tomava por algum gatuno, a meia porta, de que não largára o fecho durante o colloquio. *(Continúa)*

Concelho d'Albergaria

É de ha annos já que se falla em grandes escandalos praticados por alguns empregados do concelho d'Albergaria, e é tal a serie d'esses escandalos, que não podemos deixar de pedir aos srs. governador civil, juiz e delegado da comarca de Agueda, que procedam a rigorosas syndicancias afim de criminalmente se proceder contra alguns empregados, tanto judiciaes, como administrativos, que julgâmos altamente compromettidos.

Vimos documentos falsos com que se pretende consumar roubos importantes e consta-nos que existem ainda muitos mais que breve apparecerão nos tribunaes.

Algumas pessoas tambem se nos apresentaram, queixando-se-nos de que alguns dos empregados a que nos referimos lhes subtrahiram industriosamente avultadas quantias a titulo de concessão de algumas pretenções.

São muitos os queixosos, e são de tal ordem as immoralidades que nos apontam, que torna-se indispensavel a syndicancia que pedimos.

É preciso pôr termo á corrupção que de ha muitos annos lavra em Albergaria. Um patronato escandaloso tem posto a salvo os empregados corruptos de Albergaria; mas é tal a confiança que nos inspiram os magistrados a quem pedimos providencias, que esperâmos ver em breve punidos os criminosos. * * *

Exposição do Porto

XVI

A simples inspecção dos productos expostos, desajudada dos necessarios elementos estatisticos, não habilita o visitante para apreciar a importancia dos estabelecimentos expositores. Repetiremos esta verdade quantas vezes fôr necessario repetil-a, para que todos nos escutem, e ganhem a convicção, que nós temos, e entre todos especialmente o governo, de quem o inquerito official depende.

Não se aprecia o valor de cada estabelecimento pela exposição dos seus productos, nem a importancia fabril do reino, ou de qualquer de seus districtos, se deduz da qualidade e valor dos artefactos apresentados por algumas de suas fabricas.

As collecções officiaes, e as conclusões de um inquerito regular, darão o que nunca se ha de obter das exposições desordenadas, tumultuarias, como nós consideramos esta, e todas quantas a precederam.

Se por exemplo quizermos apreciar a importancia dos tecidos mixtos produzidos no Porto, o valor dos estabelecimentos que os fabricam, o numero de pessoas que vive dessa industria, nunca poderemos fundar apreciações no exame dos productos de cinco estabelecimentos, d'entre os cincoenta, ou mais, que se empregam neste trabalho.

Não seria mais prudente, mais sensato, mais util para todos, tomar a exposição como ponto de partida para o inquerito, e fundar no exame uma resolução cordata e circumspecta?

Manifestou a exposição que no Porto se fabricam tecidos—(sirva ainda o exemplo) — alguns estabelecimentos apresentaram productos, que o mercado acolhe — porque não indagaremos o que se produz em artefactos desta ordem, porque não faremos collecção official, porque não recolheremos todos os elementos para um juizo seguro? Porque não fundaremos depois nesse juizo uma resolução prudente e justa?

A' sombra de uma protecção efficaz cresceu a industria da França. Quando o governo francez, annuindo ás suggestões da Inglaterra, começou a negociar o tratado de commercio, que se realisou em 1860, já era vigorosa a industria, já tinha manifestado a sua robustez, e admiravel desenvolvimento, nas exposições regionaes, e nas grandes exposições de Pariz e Londres, e todavia aquelle governo foi cautelloso, mandou fazer inquirições, procedeu a investigações minuciosas, e preparou-se para emprestar capitaes.

Irá Portugal negociar ás cegas, antes de conhecer o que produz, antes de avaliar as suas forças productivas, ou querem que as indagações, agora feitas com zêlo, sendo como são muito uteis, mas insufficientes, sirvam de solida base ás negociações diplomaticas?

Para nós estas indagações são proveitosas como primeiro trabalho de investigação. Sobre este façam outros, e resolvam depois. Devagar... que temos pressa. E' a melhor maneira de acertar.

Acceitámos como exemplo a producção dos tecidos mixtos no Porto. Do que sabemos conclue-se, em relação a esta industria, que pouco sabemos da sua vida. O mesmo deveriamos concluir se tomassemos para exemplo outra industria. O estado da nossa estatistica fabril é deploravel. O que sabemos apenas serve para revelar a todos que é preciso empregar tempo em estudo para alcançar o que nos falta.

Se quizermos, com outro exemplo, demonstrar que o simples exame dos productos expostos não basta para as apreciações, em que se deve fundar alguma reforma importante, apontaremos para qualquer das collecções de artefactos, e será facil chegar á conclusão indicada.

Ahi perto dos productos inglezes, na galeria d'oeste, estão as collecções das trez fabricas de lanificios de Arrentella, Calvario, e Oeiras.

No fim da galeria exhibe Alemquer os seus tecidos de lã penteada, cardada, e mixta.

Em diversos pontos do palacio apparecem os productos de Portalegre, Covilhã, Porto, e Gouvêa.

Qual é a importancia absoluta e relativa das fabricas expositoras?

Qual é o valor da industria ali representada?

Qual o valor da que existe lá fora?

A uma parte d'estas perguntas podemos nós responder, porque já foi feito — por excepção — o inquerito, porque já temos informações derivadas da inspecção dos estabelecimentos.

A outra parte não se responde, por que a inquirição interrompida não dá os elementos precisos.

Assim podemos de muitas fabricas dar noticia, porque as visitámos. Faltam esclarecimentos da pequena industria, que reclama visita e exame.

O leitor, a quem as nossas divagações talvez causem enfado, desculpará este enfado, attendendo ao alcance que podem ter certas considerações — agora — quando por primeira vez temos no paiz uma exposição internacional, do que se pretende colher vantagem para estudos. Vendo que se manifesta um certo prurido de estudar, que vai tendo seus ares de mania, nós que tambem estudamos, e que já o faziamos, quando ainda poucos em tal pensavam, intendemos que é dever nosso apontar para os perigos, que podem vir de uma apreciação superficial. E — com inteira franqueza o dizemos — esta apreciação superficial ha de ser o inevitavel resultado dos estudos feitos á pressa, com que nos ameaçam, da falta de informações, que só podem vir do inquerito.

Dando logar distincto ao estudo extra-official, em que se occupa um illustrado funccionario, jornalista de notavel credito — confessando que é consciencioso o seu trabalho, e dirigido habilmente — acreditamos que nos resultados d'esse trabalho não ha tudo quanto se requer para a justa avaliação da nossa vida fabril.

O caminho é aquelle — assim devem os estudos ser feitos — mas a escacez do tempo, e a mingua de informações, deixam incompleto o que por interesse de todos se deve quanto antes concluir.

Se o que por este ou similhantes estudos se obtem, não dá base para reformas de grande alcance, e para tratados commerciaes — não pensemos em fundar essas reformas sobre o alicerce mal seguro que outros estudos offerecem. Ahi onde não chegou ainda uma indagação, acertadamente encaminhada, prudente, pertinaz, conscienciosa, nos esperem que possa chegar a rapida inspecção feita pelos mais brilhantes talentos.

Alliviada a consciencia, por esta declaração, concluamos a nossa visita de hoje, apresentando aqui as informações que temos, relativas á fabrica do Calvario (Lisboa) pertencente ao sr. Bernardo Daupias.

A fabrica do sr. Daupias, fundada em 1839, emprega hoje 648 operarios, sendo 323 do sexo masculino e 325 do sexo feminino. Do beneficio que a casa concede aos seus obreiros já em outro logar fallámos, com o devido louvor. Os salarios importam annualmente em sessenta e tantos contos. A quantia empregada em lãs é de oitenta a noventa contos. Em outras materias primeiras gasta a fabrica cerca de quarenta contos. As suas vendas elevam-se de trezentos e vinte a trezentos e sessenta contos de réis por anno.

Produziu esta fabrica no anno ultimo o seguinte:

Fio cardado	69845	kilogr.
» » penteado	18105	»
Total	87950	kilogr.
Sendo para o fabrico	68872	kilogr.
» » a venda	19078	87950 kilogr.

Cachemiretas, metros	20365	
Castorinas, metros	49291	
Pannos velludos »	1387	
Serafinas »	1329	
Algerienne »	475	
Cachemireta diagonal	3779	
Saias	1824	
Cobrejões	244	
Chales, diversos tamanhos e qualidades	69170	
Cintas, diversos tamanhos e qualidades	1114	duzias
Galões e transadeiras	35236	peças
Barretes (Artefactos de ponto de meia)	7297	duzias
Jaquetas (Artefactos de ponto de meia)	8	»
Gravatas (Artefactos de ponto de meia)	286	»
Camisolas (Artefactos de ponto de meia)	250	»
Manguinhas (Artefactos de ponto de meia)	376	» p.es
Cachenez (Artefactos de ponto de meia)	20	»
Cordão	590	kilogr.
Transinhas	128	»
Sapatos	132632	pares

Para dar movimento aos seus machismos emprega esta fabrica duas machinas de vapor, de alta e baixa pressão, da força de trinta e cinco cavallos cada uma, podendo trabalhar conjunctas ou separadas. São quatro as caldeiras da força de vinte cavallos cada uma, e fornecem grande quantidade de vapor para a lavagem, enxugo, tinturaria, e acabamentos.

Para a lavagem e enxugo tem a fabrica dez lavadouros, um enxugo e trez hydro-extractores.

Para as seguintes operações possue a fabrica duas escarduças (échardonneuses), trez diabos, uma *éfilocheuse*, vinte e cinco cardas, treze bancas de preparações para o penteado, vinte e cinco bancas de fiação com quatro mil trezentos e vinte e um fusos, sendo:

652 para fio penteado — 3505 para fio cardado — 164 para fio torcido.

Tem mais a fabrica treze dobadouras mannaes, e trez mecanicas, cinco ordideiras, duas pregadeiras, dois grudadouros, dois estendouros, cento e setenta e nove teares mannaes, cincoenta machinas de Jacquard, uma machina de picar cartões, trez tramadeiras mecanicas com cento e quarenta fusos, e sessenta e seis rodas mannaes.

Para os tecidos de ponto de meia emprega a fabrica sete engenhos francezes e um inglez, dois engenhos para têa, cinco teares circulares, uma ordideira e duas rodas mannaes.

Para os trancelins e sapatos dispõe a fabrica de cento e cincoenta e seis engenhos com dois mil e sessenta e sete fusos, uma dobadoura mecanica, duas rodas mannaes, uma calandra, um contador, oitenta e um engenhos para tecer os sapatos, dois balancés para cortar as solas, onze bancas de trabalho.

Nas officinas de tinturaria ha quinze caldeiras, dois moinhos para moer drogas, e uma machina de cortar pau.

Para os acabamentos emprega a fabrica cinco tesouras, tres pisões cylindricos, uma calandra, uma maceira de pau, uma perchea simples, duas percheas de dois tambores, uma escovadeira mecanica, uma machina para limpar cardo, duas para o avelladado, uma para enxugar com vapor, uma prensa hydraulica, quatro quadros para franjar, e nove taboas de espinzar.

Com estes elementos, sabendo que o estabelecimento tem officinas annexas, todas fornecidas com os instrumentos e utensilios necessarios para construcção e reparos, notando que tem sido habilmente dirigida, sabendo que sem contar o valor do edificio e terrenos proximos, estão no estabelecimento empregados cerca de trezentos contos de réis, tendo em lembrança que setecentas familias recebem d'alli o pão, aprecia-se melhor o valor d'esta fabrica, e completa-se o juizo imperfeitamente formado pela simples inspecção dos productos. Assim de todos os estabelecimentos podessemos o mesmo dizer

FRADESSO DA SILVEIRA.

Commercio do Porto.)

Segunda parte do discurso pronunciado pelo sr. ministro da fazenda, Fontes Pereira de Mello, na sessão de 7 de dezembro ultimo a respeito da novação do contrato das linhas ferreas do sul e sueste.

Sr. presidente, sou chamado pelo meu dever a continuar o discurso que fui obrigado a interromper na sessão de hontem, e confesso que o faço com difficuldade, porque a minha saude se acha bastante alterada, e se não julgasse um dever de honra continuar a expôr á camara as observações que ainda me faltam para me justificar de ter feito o contrato de 14 de outubro do corrente anno, certamente que me não acharia neste logar nesta occasião. E' por isso que eu solicito a benevolencia da camara, benevolencia que tantas vezes me tem prodigalisado, de certo com menos rasão do que no momento actual.

Dizia eu hontem que os meus illustres adversarios tinham procurado combater o contrato de 14 de outubro, assentando hypotheticamente certas bases d'onde partiam para chegarem ao resultado que se propunham. Estas bases eram, na minha opinião, empiricas, não tinham rasão de ser, nem fundamento algum para existirem. E não era eu que o dizia, senão os proprios illustres deputados que, apresentando-as, declaravam á camara a carencia absoluta de dados estatisticos com que as justificar (apoiados).

E' por isso que eu entendi dever seguir um caminho diverso do seu; e em logar de partir de hypotheses mais ou menos gratuitas, mais ou menos proximas ou distanciadas da verdade, a fim de chegar á conclusão pretendida, e obter assim a differença dos encargos entre os contratos de 20 de maio de 1860, 23 de maio de 1864, e o de 14 de outubro do corrente anno, procurei fundar todos os meus argumentos em dados estatisticos authenticos que o governo possue, e que são do dominio de todos na sua maxima parte, para que seguindo de inducção em inducção se chegar a um resultado, cuja consequencia podesse ser tida como uma verdade segura e não como uma hypothese arbitraria, filha de outras. Foi neste intuito que eu asseverei o poder chegar a um resultado aproximativo do valor do producto bruto kilometrico, se acaso me fosse dado conhecer qual era a importancia da industria agricola nos districtos que a linha ferrea atravessava, qual o algarismo da população desses mesmos districtos, e qual emfim a tonelagem das mercadorias que por esses districtos se transportavam; além de outras considerações accessorias de menor valia, que podessem servir acaso para o calculo desejado do producto bruto kilometrico.

Na falta em que me achava de um cadastro perfeito, com relação ás provincias do Alemtejo e Algarve, e bem assim na falta dos dados estatisticos necessarios para poder saber qual era a producção effectiva destes dois districtos, recorri ao rendimento do imposto pessoal, industrial e predial, para que a media de todos estes impostos me désse uma ideia, sequer aproximada, da producção e riqueza daquella região importante do paiz. Achei primeiro que era de 729:000$000 réis a somma dos impostos nos districtos por onde passa a rede do caminho de ferro de leste e norte, e que era de 425:000$000 réis a somma dos mesmos impostos nos districtos que são atravessados pela rede do caminho de ferro do sul.

A confrontação dá portanto 61:000$ réis proximamente para mais do que metade, na segunda somma comparada á primeira.

D'aqui pretendo eu concluir o seguinte—que quando mesmo se podesse ajuisar do producto bruto kilometrico de um caminho de ferro pelo quantitativo do movimento do mesmo caminho em relação ás mercadorias, e isso não é exacto; porque as mercadorias constituem apenas, segunda affirmação dos competentes, duas terças partes do producto bruto kilometrico dos caminhos de ferro; teria assim mais metade do rendimento na rede do sueste com relação á rede de leste e norte.

Debaixo destes fundamentos, que já hontem tinha começado a apresentar á camara, e seguindo sempre a mesma ordem de ideias, passo agora a indicar quaes são os resultados que os outros elementos, a que me referi, me ministram com relação ao producto bruto kilometrico dos caminhos de ferro do sul e sueste.

Fui examinar a população adoptando o ultimo recenseamento feito nos districtos atravessados pelas linhas de ferro do norte e leste, e comparal-a com a população dos districtos atravessados pelas linhas ferreas do sul e sueste, tendo o cuidado de excluir Lisboa, deste estudo, por ser Lisboa commum ás duas redes e ser a testa das duas linhas, e não excluir o Porto por se não darem, com respeito a esta cidade, as mesmas circumstancias apontadas. Comprehendendo portanto o Porto neste cumputo, acho que os districtos atravessados pelas linhas do norte e leste, contam uma população de 1.200:588 almas, em quanto que a rede da linha do sul e sueste corresponde a uma população de 615:389 almas, o que quer dizer, mais que metade da população dos districtos que são atravessados pelas linhas ferreas de leste e norte. Eu mando para a mesa estes dados, extrahidos dos documentos officiaes, a fim de que os illustres deputados os possam apreciar devidamente.

A camara já vê a extrema lealdade com que eu procedo neste argumento.

No relatorio que precede a proposta de lei respectiva ao contrato de 14 de outubro do corrente anno, eu procurei apresentar o mais imparcialmente que me foi possivel os dados estatisticos que pude obter no sentido de illustrarem a proposta que submettia á deliberação da camara. Se eu quizesse torcer argumentos para fazer valer e abonar o resultado que tenho em vista, qual é approvação do contrato de 14 de outubro, pois que estou convencido profundamente da sua utilidade; se eu quizesse proceder assim, não viria apresentar ao parlamento dados que, á primeira vista, parecem não favorecer muito o algarismo do producto bruto kilometrico da linha de sueste. Porém eu chegarei logo a outras conclusões, fundadas em documentos officiaes, as quaes hão de provar á camara, espero-o, que erradamente andam aquelles que pretendem que o producto bruto kilometrico dos caminhos de ferro do sul e sueste é insufficiente para satisfazer ás esperanças que se levam em vista no contrato de 14 de outubro. Pelo estudo da população temos pois que o producto bruto kilometrico das linhas do sul e sueste é superior á metade do producto bruto kilometrico das linhas correspondentes do norte e leste.

Mas prosigamos nesta ordem de argumentação. Ninguem estranhará que eu vá procurar qual era o movimento maritimo e de cabotagem, que existia antes da construcção do caminho de ferro do norte, entre as cidades do Porto e Lisboa, e que o vá comparar com o movimento de cabotagem que existe actualmente, quando ainda não ha caminho de ferro construido para o Algarve, entre os portos daquella provincia e o porto da capital. Affigura-se-me ser este um argumento proprio para convencer a camara de que o producto bruto do caminho de ferro de sueste deverá ter, por estes fundamentos, uma relação proxima da metade do producto bruto kilometrico do caminho de ferro do norte.

Acho por exemplo, que no anno de 1855 o movimento de cabotagem entre as cidades do Porto e Lisboa foi de 39:679 toneladas, comprehendendo neste numero as das embarcações que entraram e sairam dos dois portos. No mesmo anno de 1855 o movimento entre os portos do Algarve e Lisboa foi de 24:625 toneladas. Quer dizer que uma certa producção de figo e alfarroba que n'outro dia produziu mil seiscentas e tantas toneladas no movimento annual entre os portos do Algarve e Lisboa! (Apoiados.) Parece-me que não é esta uma circumstancia a desattender; aquella numero significa mais de metade do movimento que havia entre as duas primeiras cidades do reino antes de estarem ligadas por caminhos de ferro.

(*Interrupção que não se percebeu.*)

(*Continúa.*)

Sr. redactor.

Concelho de Estarreja, 24 de dezembro de 1865.

Peço a v. a publicação do seguinte communicado, que mandei para a redacção do *Jornal do Porto*.

Vamos hoje, mau grado nosso, censurar esses escriptos que apparecem quazi todos os dias na imprensa, eterno monumento da loucura d'esses auctores, que com o maior descaramento atacam individuos, que estão mui longe das censuras d'esses escriptores em miniatura, querendo assim niveiar os outros á sua condição. Referimos-nos a um novo defensor da actual camara deste concelho que ahi appareceu no *Campeão das Provincias* n.º 1399 com um communicado, recheado de inconveniencias e frazes descomedidas. Querem destruir os principios dos bons costumes, quebrar os laços de todas as sociedades e enganar as almas simples, para d'essa maneira semearem os seus perversos dogmas.

Lamentamos, que a redacção do *Campeão*, não seja mais escrupulosa na publicação de escriptos desta ordem, muito principalmente, quando conhece, que ao seu auctor lhe faltam todos os requesitos para ser acreditado.

E' assim, que se deprecia a imprensa, não pondo um dique aos dilates desta gente, que julga poder escrever de todos e de tudo.

Se nós ligassemos consideração ao defensor da nossa camara, que—segundo nos consta é de S. Martinho de Salreu, era nos tribunaes, que exigiriamos a satisfação dos seus desvarios; desvarios que só poderão nascer d'uma imaginação delirante, e provam a espantosa fraqueza do homem, quando não quer ouvir mais, que a si mesmo. Esperamos, que a experiencia,—que é a mestra da vida—lhe ensine, que não é impunemente, que se vem á imprensa desconsiderar pessoas, que se julgam com direito a algumas attenções, e que a delicadeza, a urbanidade e civilidade são além d'outros os caracteres, que deve ter o escriptor publico.

A resposta ao artigo do proprietario (é assim que se assigna) de *S. Martinho* encontral-a-ha nos n.os do digno *Jornal do Porto* 46, 65, 75, 98, 127, 142, 161, 175, 192, 217, 238, 250, 264 e 276, que foi o que irritou a bilis do proprietario in nomine de *S. Martinho*. Não respondemos ao autor do communicado, por que o desprezamos completamente, visto estar n'um campo em que nós apezar *do nosso humilde nascimento* o não podemos acompanhar, antevendo o precepicio que o espera: respondemos ao publico. Diz a camara por a bocca do seu defensor, que lhe temos *uma accusação na verdade frivola e sem fundamento*: respondam-nos primeiro aos nossos artigos já publicados, que nós trataremos de munir-nos com as competentes provas, e lhe faremos então uma accusação grave e séria garantindo-a com o nosso humilde nome. Não se occupem da nossa pessoa, occupem-se das nossas ideias.

Apresentem-nos provas de que estamos em erro, que nós não temos duvida em confessar, que estavamos illudidos. Não é injuriando os nossos adversarios, que se apura a verdade. Desenganem-se. Em quanto assim fizerem; em quanto se occuparem mais de quem os censura do que de desculparem os actos censurados da sua má administração; hão de conseguir sempre o contrario do que desejam. Quando fallámos no escrivão da camara, quizemos sómente mostrar-lhe, que sabiamos as suas faltas visto não termos tenção de nos occuparmos segunda vez de s. s. por motivos que nos são particulares; mas já que assim querem, voltaremos.

Em quanto ao retirarmos o nosso debil apoio ao sr. administrador, repetimos o que dissemos. Sabemos o pouco que valemos, mas nunca, se deve desprezar uma faisca, como se ella não possa causar um grande incendio. Acreditamos, que o sr. Brandão não encommendou o sermão ao proprietario de *S. Martinho*, por que então não duvidariamos em reproduzir o que em 1853 foi publicado no *Jornal do Povo*; mas não queremos tornar amargurados os seus breves dias de administrador.

Dizemos breves, por que esperamos que o ex.mo sr. governador civil ha de attender ao presente e passado deste infeliz concelho para não termos mais que lamentar para o futuro.

Não é o despeito e a paixão de não sermos vereador, como dizeis, que nos leva a censurar os actos da camara, por que se o quizessemos ser já ha muito o seriamos; por que um nosso amigo se lembrou de nós e a elle pedimos para o não sermos, visto não querermos respirar esse ar *puro* em que vivem os felizes....

Cantem embora todos victoria; entoem hymnos de alegria, levantem hosanas, vivas e tudo quanto lhes parecer, que nós cá estamos de atalaia para vigiar e syndicar dos actos de uns e d'outros e para chorar as ruinas da nossa municipalidade, como Jeremias chorou as de Jerusalem.

Não nos importa só saber das pessoas, importa-nos tambem e muito saber das cousas.

E' mister que todos saibam que o municipio d'Estarreja é de todos talvez o mais rendoso; queremos portanto saber quando e como são applicados os seus rendimentos; queremos saber se elles são ou não repartidos com igualdade por todas as freguezias, que compõem o municipio, e se de preferencia são attendidas as obras de necessidade urgente ás de mero luxo e de recreio.

Não cuidem só de satisfazer a vontade e caprichos *deste ou d'aquelle*, por que lhes pode ser *util para os seus fins*.

E' preciso contentar a todos, ou pelo menos a maior parte, visto que todas teem direito a isso.

A somma de utilidade deve andar inherente á somma de encargos: e quando assim não succede, quando os dinheiros do cofre tem uma applicação errada, e só servem para satisfazer vaidades e caprichos d'uns e para utilidade de outros e não para commodidades de todos, então, ai de nós todos administradores e administrados.

Vou terminar, sr. redactor, com as palavras do publicista Vivien:

«E' necessario emfim que os poderes locaes não possam offender os direitos dos particulares, sacrificar o interesse da communidade, que elles administram ao seu interesse privado, dar margem ás suas vinganças, a seus ciumes, ao espirito da intriga, intoleravel sobretudo quando se exerce sobre um pequeno theatro.»

Um lavrador.

Actos Officiaes

Synopse da parte official do «Diario de Lisboa» n.º 292 de 26 de dezembro

MINISTERIO DA FAZENDA

Venda, no dia 5 de fevereiro de 1866, de fóros, censos e pensões impostos em propriedades sitas no concelho de Ceia, districto da Guarda.

— Portaria estabelecendo algumas providencias regulamentares, tanto a respeito da arrecadação e escripturação do rendimento dos emolumentos do corpo de fiscalisação das alfandegas, como da distribuição do mesmo rendimento.

GUERRA

Ordem do exercito n.º 57.

MINISTERIO DA MARINHA E ULTRAMAR

Portaria relativa a uma isempção do recrutamento da armada.

— Carta de lei sanccionando o decreto das côrtes geraes que approva, para ser ratificada pelo poder executivo a convenção celebrada entre Portugal e diversas potencias, e assignada em Paris em 17 de maio do presente anno, afim de melhorar e facilitar a permutação das correspondencias telegraphicas entre os differentes paizes.

— Outra sanccionando o decreto das côrtes geraes que approva, para poder ser ratificada pelo poder executivo, a convenção celebrada entre Portugal e os ducados de Saxonia Coburgo e Gotha, para a abolição do direito de albinagio, de detracção e outros similhantes.

MINISTERIO DAS OBRAS PUBLICAS, COMMERCIO E INDUSTRIA

Carta de lei sanccionando o decreto das côrtes de 19 do corrente que estabelece o imposto de 1$000 réis por pipa legalmente pareada, de vinho, geropiga, aguardente e vinagre que entrarem pelas barreiras seccas e molhadas do Porto e Villa Nova de Gaya.

Synopse da parte official do «Diario de Lisboa» n.º 293 de 27 de dezembro

CÔRTES GERAES

Sessão real de encerramento da sessão começada em 30 de julho e finda em 26 de dezembro de 1865.

REINO

Portaria louvando o conselho de saude publica do reino pelo seu importante relatorio geral do serviço da repartição de saude com relação ao anno de 1863.

— Despachos para a instrucção publica.

— Portaria significando ao vice-reitor da Universidade que foi muito agradavel a S. M. o Regente, o brioso procedimento da academia no anno lectivo findo.

— Outra declarando e ordenando que ao professor de introducção do lyceu nacional de Angra nenhuma gratificação é devida por haver regido a aula de arithemetica e geometria plana durante o tempo em que não teve serviço da cadeira propria.

NEGOCIOS ESTRANGEIROS

Relação dos espolios remettidos ao deposito publico de Lisboa, pertencentes a subditos portuguezes fallecidos em Pernambuco.

— Relação nominal dos portuguezes fallecidos no Maranhão desde 18 de junho a 2 de novembro.

OBRAS PUBLICAS

Decreto mandando abrir no ministerio da fazenda um credito extraordinario da quantia de réis 2:792$999 a favor do ministerio das obras publicas para pagamento dos juros e amortisação garantidos á Companhia Viação Portuense pela construcção da estrada do Porto a Braga.

Synopse da parte official do «Diario de Lisboa» n.º 294 de 28 de dezembro

MINISTERIO DO REINO

Synopse geral, por freguezias, do numero dos eleitores e elegiveis recenseados em 1865, comparada com a do anno de 1864, e organisada pelas respectivas commissões de recenseamento nos circulos eleitoraes do districto de Coimbra.

MINISTERIO DOS NEGOCIOS ECCLESIASTICOS E DE JUSTIÇA

Licenças a funccionarios judiciaes.

MARINHA E ULTRAMAR

Portaria relativa a uma isempção do recrutamento da armada.

— Decreto promovendo o sr. Alexandre José Mendes de aspirante a segundo official da repartição de contabilidade do hospital da marinha.

OBRAS PUBLICAS

Decreto concedendo a Alfonso Vignon e Francisco Fillippe Carlier, subditos francezes, residentes em Paris, o privilegio por cinco annos como inventores de um apparelho destinado á extincção dos incendios.

— Outro mandando abrir no ministerio da fazenda um credito supplementar de 6:124$173 a favor do ministerio das obras publicas para pagamento de juros e amortisação garantidos á Companhia Viação Portuense pela construcção da estrada de Villa Nova de Famalicão a Guimarães.

Resolução n.º 297 do conselho geral das alfandegas.

Synopse da parte official do «Diario de Lisboa» n.º 295 de 29 de dezembro

REINO

Programma que se ha de observar em Lisboa na solemnidade da entrada e recepção de S. M. El-Rei D. Luiz, de Sua Augusta Esposa a Rainha e de S. A. R. o Principe D. Carlos.

MINISTERIO DOS NEGOCIOS ECCLESIASTICOS E DE JUSTIÇA

Licenças a funccionarios judiciaes.

MINISTERIO DA FAZENDA

Venda nos dias 17 e 20 de fevereiro de 1866, de fóros censos e pensões impostos em propriedades sitas no concelho de Ceia, districto da Guarda.

— Idem no dia 6 de fevereiro do anno proximo de bens nacionaes sitos nos concelhos de Peniche, districto de Leiria; Pinhel, no da Guarda; Barcellos, no de Braga; Mondim, no de Vizeu; Castello de Vide, no de Portalegre.

GUERRA

Decreto mandando abrir no ministerio da fazenda, a favor do da guerra, um credito extraordinario da quantia de 22:005$911, afim de ser applicado ao pagamento da differença do preço orçado e do que custaram as rações de pão e forragens nos mezes de outubro a dezembro do corrente anno.

MINISTERIO DA MARINHA E ULTRAMAR

Noticias de Cabo Verde.

— Relatorio do commandante da corveta «Bartholomeu Dias» ácerca da commissão em que foi aos portos da America do Sul.

— Decreto declarando sem effeito o que nomeou Antonio José Botelho da Cunha, governador do districto de Lourenço Marques.

— Portaria recommendando ao governador da provincia de Moçambique, que promova na mesma provincia tudo quanto fôr conducente para que as industrias d'aquella parte importante da monarchia sejam devidamente representadas na proxima exposição universal de 1867.

OBRAS PUBLICAS

Circular do secretaria da commissão central directora dos trabalhos preparatorios para a exposição universal de Pariz, aos srs. governadores dos districtos do continente e das ilhas adjacentes solicitando-lhes o seu auxilio e cooperação, afim de que em todos os districtos se organisem commissões filiaes, que se incumbam de promover por todos os modos possiveis que as differentes industrias de cada districto se façam representar na exposição de Pariz.

Exterior

Dissemos no nosso numero passado que o ministerio italiano tinha pedido a sua demissão; mas não expozemos as causas occasionaes da crise, porque ainda então não havia noticia de quaes elias foram.

Alguns jornaes de Pariz, porém, publicam uma correspondencia de Florença, que conta os incidentes que originaram a crise.

O ministerio italiano tinha feito dois decretos com relação a bancos de credito: um d'esses decretos mandava a fusão do banco nacional do Piemonte, com o banco toscano, creando-se o banco de Italia; o outro entregava no banco o serviço da thesouraria do estado.

O senado approvou o primeiro decreto; e logo uma deputação desta camara foi pedir ao ministerio que não fizesse executar o decreto relativo ás thesourarias, sem a approvação da camara.

A estes pedidos da deputação respondeu o ministro Sella, que a lei havia de ser debatida, mas que se não compromettia, antes da votação definitiva da lei, a fazer discutir a applicação provisoria do decreto.

Com tal resposta a opposição não ficou contente, e continuou a insistir nas suas pretenções, até que mr. Boggio, que era um dos mais notaveis defensores deste pedido, fez uma proposta, a fim de que a camara convidasse o ministro a suspender a approvação do seu decreto que devia começar a ter vigor no dia 1.º de janeiro.

O ministerio não quiz acceitar a moção de ordem, e apresentou outra, em que propunha que a questão fosse discutida antes de se votar o orçamento provisorio.

A proposta do ministerio foi regeitada, e a do sr. Boggio approvada.

Acabada esta votação os ministros declararam que não davam mais explicações, em consequencia de não terem sido entendidos.

Nesta votação o sr. Ratazzi e seus partidarios deram voto a favor da proposta do ministerio, e os deputados piemontezes pertencentes á associação intitulada = Liberal Permanente = votaram contra, não obstante ter sido tirado desta parcialidade o ministro do reino o sr. Chiaves.

Sobre este ponto a discussão foi vivissima, e a questão tomou notaveis proporções.

Diz assim a carta que publica um jornal de Pariz, que temos presente:

«O sr. Mancini, que pertence ao partido moderado, fez ao ministerio com a maior eloquencia algumas perguntas, de que resultou o exito que a opposição conseguiu.

«O sr. Mancini declarou que o ministerio ameaçava a camara com a dissolução, provocando deste modo o general Lamarmora a responder. O presidente do conselho disse que até áquella occasião não tinha tal negocio sido discutido em conselho, mas que, se fosse necessario, tinha coragem para o propôr.

«Estas palavras agitaram excessivamente o parlamento. A excitação foi tal, que o presidente teve de cobrir-se, e só quando os espiritos se acharam mais socegados, foi que o general Lamarmora pôde explicar as palavras que proferira, declarando que não era homem para golpes de estado, mas unicamente capaz de cumprir a lei.

«Esta declaração sortiu effeito.»

É assim que são dados pormenores com relação á demissão do ministerio italiano.

Depois destes factos o ministerio pediu a sua demissão que lhe foi acceite pelo rei Victor Manuel.

Diz-se, porém, agora que o general Lamarmora fôra encarregado pelo rei da nova organisação ministerial; todavia ainda se não sabe qual é o resultado dos seus trabalhos.

— Ainda que com pouca rasão de ser, corre a noticia de que a curia romana e o governo italiano estão de accordo em se pôr em execução a clausula da convenção de 15 de setembro com rerelação á quota da divida romana, que diz respeito ás provincias desannexadas dos Estados Pontificios e unidas ao reino de Italia; e accrescenta-se que o governo italiano tomará sobre si o onus de pagar a M. de Rothscild os juros do emprestimo romano, que é de 25 milhões de escudos.

Esta noticia não nos parece acreditavel, porque não consta que se tenham entabolado relações entre a curia romana e o governo de Italia; e demais os documentos diplomaticos apresentados á camara italiana não deixam nem sequer suspeitar a existencia de tal accordo.

Parece-nos por tanto que não merece credito tal boato.

— Em Pariz falla se muito nos motivos que occasionaram a vinda do principe Napoleão á capital, e tambem continua a occupar a attenção publica a questão dos estudantes riscados da universidade de Pariz.

Em respeito ao principe Napoleão, assim que se espalhou a noticia de elle estar em Pariz, dizia-se que elle tinha vindo assistir ao casamento da princeza Anna Murat com o duque de Mauchy, e dizia-se até que por esta occasião se reconciliaria o principe como o imperador Napoleão, dando-se fim ao desaccordo em que estão em virtude do discurso que o principe pronunciára em Ajaccio, discurso em que manifestou ideias republicanas.

Mas não succedeu nada, como se esperava. O principe nem sequer visitou o imperador, e quando no palacio das Tulherias se celebrava o casamento da princeza Murat, o principe seguia o acompanhamento funebre de Alexandre Bixio, que fôra amigo do principe, e vice-presidente da assembleia constituinte no templo da ultima republica.

É realmente um notavel contraste! Quando no paço imperial se não poupavam honras para dar lustre e brilho á celebração do casamento de uma princeza, passava nas ruas de Pariz um prestito funebre que acompanhava ao derradeiro jazigo o cadaver de um benemerito cidadão!

Diz-se que o imperador Napoleão manifestára bastante resentimento, por o principe, em vez de estar assistindo á celebração do casamento, ir nessa occasião no acompanhamento de Alexandre Bixio; e até ha quem diga que o principe corre o risco de lhe ser intimada uma ordem de exilio, pratica que já era usada por Napoleão I para com os membros da familia imperial, que caiam no seu desagrado.

— A *Patria*, jornal de Pariz, fallando da situação politica da Turquia em relação ás grandes potencias diz assim:

«Não ha muito tempo que a proposito d'algumas publicações sobre a Servia demos conta das repetidas intrigas russas para causar sustos á diplomacia ottomana. Se o governo da Porta se tem muitas vezes exposto ás justas censuras, tambem se deve saber que a maior parte de suas faltas e erros dimanam das difficuldades, de que lhe são causa as hostilidades permanentes da Russia.

«A Turquia é como um campo de experiencias, onde se ensaia o officio difficil de diplomatico.

«A Inglaterra conta para a embaixada de Constantinopla os seus mais habeis ministros; a Russia avalia os seus consoante buscam cada dia um novo caso de conflicto; e a Porta ottomana collocada entre os governos de Londres e S. Petersburgo, tendo na sua frente os de Vienna e Pariz, vê-se muitas na necessidade de desatender um para satisfazer o outro, e isto quando lhe não succede desgostal-os a todos. Não resta ao gabinete turco senão um meio para livrar-se de tal politica, e pôr cobro as difficuldades que o rodeiam. Entrar na senda dos negocios propriamente dictos, e dar ao desenvolvimento das forças materiaes a actividade e intelligencia mal baratadas nas luctas diplomaticas. Consiste n'isso o futuro da Turquia.

«Este grande e poderoso imperio, cujas muitas riquezas se prestam á exploração, deve buscar as garantias de sua existencia politica nos progressos economicos: feche-se o campo á diplomacia, e abra-se á sciencia, á industria, á civilisação europêa, tão mal representada até agora no Oriente, e que não participa das tentativas da especulação, cuja audacia se tem tornado proverbial. Não somos os primeiros que a conselhamos isto, e em Constantinopla teem os nosso conselhos sido acolhidos.

O governo ottomano começou já a caminhar pela senda apontada»

— Continua a recear-se na Hespanha grave crise.

A Belgica e o rei Leopoldo

É sempre doloroso para uma nação a morte de um rei amado de seus subditos, em cujos corações se tem elevado o mais solido throno, em que assenta o poder dos monarchas da terra.

Se a historia se encarrega de memorar os nomes de todos os reis que empunham o sceptro do podêr, se a par dos Titos e Antoninos entre os antigos, e Pedros Quintos e Lepoldos Primeiros, entre os modernos, apparecem as tetricas e pavorosas imagens dos Neros e dos Calligulas, e de outros tantos principes de triste celebridade; se a historia os abrange a todos e os transmitte ás eras vindouras, é comtudo para os primeiros que ella reserva as suas mais preciosas paginas, só devidas á virtude e á sabedoria. Para os segundos aponta horrorisada a *mestra da vida*, em face do contraste em que as suas crueldades e tyrannias se acham com os actos dos principes virtuosos.

Já vae longe o tempo em que o nome de *principe perfeito* era alcançado no campo da batalha no meio do delirio da victoria e do estertor dos moribundos. Quantas vezes a corôa de louro cobria uma fronte acurvada sob o pêso do crime e da devassidão! Hoje só á virtude, á sabedoria, e ao amor patrio compete um logar honroso nas paginas da historia contemporanea.

É porque ao fallecido rei dos belgas compete incontestavelmente este logar, é porque á sua sabedoria e alta intelligencia renderam sempre o devido preito todos os monarchas contemporaneos da Europa, é por isto que a morte de Leopoldo I tem sido geralmente sentida em toda a parte, em que eram conhecidas e apreciadas a grandeza de animo e rectidão de intenções, que sempre animaram este grande monarcha.

Nascido a 16 de dezembro de 1790, perdida a sua primeira mulher, Carlota Augusta, filha de Jorge IV de Inglaterra, Leopoldo, depois de servir por algum tempo na Russia, recolheu-se á paz e socego domesticos, que elle toda a vida amou, indo viver para Londres junto da familia de sua fallecida mulher.

Quando a Grecia depois de sacudido o jugo ottomano, aspirando o ambiente da liberdade, tratou de escolher um principe, a quem confiasse o seu futuro destino, fôra o principe Leopoldo escolhido pelas potencias protectoras para assumir o poder do reino heleno. Por motivos de religião não pôde, porém, subir ao throno da heroica Grecia.

A rectidão, sabedoria, e grandeza de animo deste principe, e o desinteresse que mostrára nesta questão, actuaram poderosamente no animo dos belgas, que, ao separarem se dos Paizes-Baixos, lhe offereceram o throno, a que aspiravam tambem o principe de Salm e o duque de Nemours.

Leopoldo I, acceitando o honroso convite do congresso nacional de Bruxellas, subiu ao throno aos 21 de julho de 1831. Desde este dia todos os seus esforços tenderam para assegurar a independencia da Belgica, pela qual luctou como general, para promover a felicidade de seus subditos, e emfim para conservar a estima dos soberanos da Europa.

De sua segunda mulher a princeza Luiza, filha mais velha de Luiz Philippe, com quem casou em o anno segninte ao da sua ascensão ao throno, teve Leopoldo I trez filhos, o primeiro dos quaes, o principe Leopoldo, duque de Brabante, nasceu a 9 d'abril de 1835.

A vida de Leopoldo I foi sempre muito simples e tranquilla. Amava sobre tudo o socego. Era o castello de Lacken a sua residencia favorita, d'onde raras vezes sahia para ir a Bruxellas, o que só fazia quando o expediente dos negocios do estado reclamava a sua presença. Neste castello, onde vivia completamente em familia como simples particular, recebia elle as suas visitas e mesmo as deputações e os ministros com uma sem ceremonia admiravel. Era sobretudo summamente economico.

A morte deste monarcha suscitou algumas apprehensões sobre os destinos da Belgica. Fallou-se na sua annexação á França. Não é provavel, cremos nós, que se tente pôr em execução esta ideia. Já não estamos no tempo em que a importancia das nações se aferia pela sua extensão territorial. A centralisação está geralmente reconhecida como contrária ao desenvolvimento do progresso e da civilisação; e só são grandes, segundo as ideias do seculo, as nações que provarem que seguem direitas a estrada, que conduz á altura da moderna civilisação. E a Belgica não se peja de apparecer ante as nações mais cultas da Europa: foi nella entre as primeiras que se ouviu o silvo das locomotivas; e a este silvo está de tal sorte ligada a ideia do progresso, que não se póde admittir que retrograde a nação, em que elle se faça ouvir.

F. e Castro.

Variedades

DEVANEIOS

Ao contemplar o Vouga

Como és grandioso, ó Vouga! Como eu me extasio a contemplar-te?!

Em amena noite d'estio, quando a lua, alabastrina alampada, esparge seus languidos raios por sobre a vastidão das tuas aguas, quando a brisa se encrespa docemente, parece enlevar-se-nos a alma na muda contemplação de tuas maravilhas!

Além alveja a tua formosa filha, a quem banhas, e que se mira orgulhosa na limpidez da tua corrente. Mas já a não vês coroada por cupulas frondentes, que te deleitavam a vista, e serviam de guia ao nauta, quando ao raiar a aurora d'uma noite procellosa as avistava, e bem dizia a Providencia.

A mão destruidora lançou por terra esses colossos com que te gloriavas!

E tu, meu placido companheiro, não soltaste um murmurio!

Podera eu ser vate inspirado, que te cantasse, já que ainda ninguem te saudou na lyra.

Se Camões, esse genio immortal, como eu agora te visse e gozasse, havia de povoar-te das mesmas nymphas, com que cantou o seu saudoso Tejo e o lacrimoso Mondego.

Porém tu jazes ignorado, como a perola no fundo do mar. Tiveste um defensor, mas... ah! despresou-te, porque julgou seres indigno ás suas gigantescas aspirações!

A marcha de tuas aguas ainda assim não foi alterada.

Vias o tempo voraz derrocar pedra a pedra esse elevado zimborio, que se ergue além; e em outro tempo immensos baixeis apinhados de romeiros vinham contentes sulcando tuas tranquillas aguas doporem no altar as offerendas, que n'uma hora d'afflicção haviam contrahido para com a imagem do Senhor das Barrocas, de quem a fama d'innumeros milagres echoava longe!

Vias tambem que o navegante atribulado quando no recrudescer da tormenta temia afundar-se no abysmo a taboa, que o sustentava á superficie d'agua, as supplicas fervorosas que dirigia aos ceus; ouvias as intercortadas orações com que clamara misericordia ao Todo Poderoso, e as solemnes promessas, que reconhecido ao vêr surgir a bonança, lhe dedicava!

E agora vês o completo abandono de tudo! A mais pungente indifferença!...

Mas, ó magestoso Vouga, ha acolá ainda uma monumento a branquear que te deve ser grato, porque recorda a memoria d'um filho, que te ha enobrecido.

Attenta; destingue no meio d'esse quadro vistoso, que se desenróla diante de ti, uma figura a avultar no segundo plano, que não deves desconhecer.

Não encontras? Não descobres?!

Escuta. Não disfructas a alçar a fronte altiva, um soberbo edificio, que se desprende magestoso do céo azulado?

E' essa a obra que deves a um teu filho, a nossa gloria, e a do paiz!! E já que a mão amiga não erigiu uma estatua a esse vulto, que se sumiu para sempre na penumbra do nada, — no silencio do sepulchro; ahi lhe ficou esse padrão preduravel para attestar aos vindouros, a rapida passagem na terra d'esse ente que devera ser immorredouro!

Escuta mais. Não ouves a pouca distancia o sibilar da locomotiva, e o rodar dos wagons por cima dos *rails*, transpondo barreiras e obstaculos e levando o homem rapidamente a grandes distancias? A quem deves isso?

A quem podes agradecer esse sacrificio?

A teu benemerito filho, que já não existe, que repousa na patria que tanto amou até que a foucedevastadora o ceifasse!! E quando?! Quando mais esperanças nelle se depositavam!.....

.....

.....

Mas onde vou eu nas meditações elegiacas desse gigante, porque o paiz chora, e a patria se enlutou? Que força intima me compelle a recordar os audaciosos voos de tão notavel engenho?!

É a homenagem, que quero prestar-lhe agora, que habita na gloria, por não lh'a poder prestar quando exilado na terra.

Sabe, no entanto, meu encantado rio, que foi despresado por teus filhos!... oh, não; não são teus filhos os que tal fizeram, porque jámais lhe ensinaste a ingratidão...

E não sei porque não encapellas tuas vagas para os arrastares, e não saes do teu leito, em que descanças, para os submergires.....

.....

Quando em serena manhã voga o batel á mercê de teu fluxo, como é deslumbrante o panorama! Que poesia que inspiras! Que extasis! que arroubos!

Aqui a immensidade de salinas, onde alveja o branco sal, e em que os raios do sol scintillando n'agua nos cegam.

Acolá a vistosa vegetação, que floresce, que com seu fundo escuro dos pinheiros e serenidade do firmamento deleita a vista, e seduz o espirito.

Mais além as altas serras cobertas de verdura, que sumindo-se com seus cumes no horisonte formam o ultimo plano para o oriente.

O surdo murmurar do mar, que se espreguiça na praia, o cantarte das aves aquaticas, a fresca viração que infona a vélla, impressionam-nos de tal modo, tem tanto de indizivel e maravilhoso, que não ha quem possa ser indifferente aos teus encantos.

Soubera eu cantar-te! Tivera a inspiração e o sentimento de tantos talentos que desabrocham, e que honram a patria, para te devassar os segredos.

.....

Temo derreter as azas de cera com que podesse elevar-me a tão altos designios, e cahir despenhado no abysmo.

Não ouso abalançar-me a voar, porque não tenho forças para vencer a distancia, nem animo para retroceder.

Reconheço tambem o quanto sou insufficiente para em pobre prosa te elevar ao pedestal que por direito te pertence. O ultimo «canto do cysne» foi a primeira pedra lançada; depois do vate tens jazido no esquecimento, e eu agora teu humilde admirador e companheiro desde a infan-

cia, ouso levantar o veu da obscuridade em que tens permanecido ! !

Foi grande a empreza, grande o pen hamento que a animou ; — porém mesquinas e insignificante a execução.

Cada um dá o que tem.

Aveiro 21. *F. de M.*

Noticiario

É logico. — «Diz-se que o partido reaccionario das quatro côres está resolvido, se o codigo civil for approvado a fazer um requerimento assignado por pessoas d'ambos os sexos, pedindo que seja restituido ao throno o sr. *D. Miguel de Bragança*, para restaurar a religião catholica nestes reinos, diz o *J. do Commercio*.

«Accrescenta-se que talvez aquelle principe abdique em seu filho havendo então uma regencia, que seguirá os exemplos que o sr. D. Miguel deixou no throno, e estabelecendo um governo *verdadeiramente liberal, humano e tolerante*, como aquelle que acabou em mil oitocentos e trinta e trez !

«Devemos esperar muitos bens desta restauração. As côrtes de Lamego e o concilio de Trento serão as leis fundamentaes do paiz, e espera-se que a inquisição por algum tempo funccione, para robustecer a fé!

«Assim seja.»

Ha tambem por cá muito quem viva nessas ideias ! !

Herança de um rei.—Lê-se no mesmo jornal :

«Diz um jornal belga, que segundo as informações mui auctorisadas, a fortuna pessoal do fallecido rei Leopoldo I da Belgica, é avaliada em vinte mil contos de réis, e será dividida em quatro partes eguaes ; trez formarão os quinhões do rei Leopoldo II, da imperatriz Carlota e do conde de Flandres ; a propriedade do quarto quinhão pertencerá ao conde de Flandres, cujo rendimento elle será encarregado de distribuir por diversas pessoas, entre as quaes cita-se Van-Praet e Rogier, os quaes terão dez contos de réis cada um de renda vitalicia.

A fortuna de Leopoldo I compõe-se, na maior parte, de terras situadas na Austria e na Hungria.

A fazenda de Palm, entre outras, comprada pelo rei, ha quinze annos, tem um valor consideravel, por causa dos vinhedos que a enriquecem.

Leopoldo I era mui entendido em agricultura, e mantinha elle mesmo, do seu gabinete, uma activa correspondencia com habeis agentes,e dirijia até nos menores detalhes a exploração das suas terras.

De resto, a propriedade dos duques de Saxonia-Coburgo é devida inteiramente aos recursos que acabamos de indicar e particularmente ao commercio dos gados, que estes principes não cessaram, desde longos annos, de explorar em grande escala, em todos os mercados da Allemanha.

Accrescentaremos que nestes negocios figuravam tão sómente os mediannei ros, e que se ignorou, por muito tempo, aquillo que hoje muita gente sabe.

Festa do Natal.—Esta noticia é para os leitores que não teem a fortuna de viver nesta boa terra do mexilhão.

Os leitores já ouviram dizer como se festeja o Natal em Aveiro ? Ainda que ouvissem é muito provavel que aos seus ouvidos não chegasse senão um echo frouxo do que se vê, e se ouve aqui, nesta occasião. O mais bonito é que com esta noticia vae ficar o leitor na ignorancia em que estava antes de a ler.

Isto só visto, caro leitor, isto só visto !

São dois dias de perfeita folia, de enthusiasmo louco, e estes dias são a 26 e 27 de dezembro. A gente amontoa-se pelas ruas, corre, atropella-se, reune-se em grandes grupos, dispersa-se, falla, gesticula, ri ; e tudo isto por cauza dos *ramos* e para ver os *ramos*.

Os mencionados ramos percorrem algumas ruas levados por sujeitos cobertos com opas encardas, e são entregues aos mordomos. Durante o trajecto dos ramos pelas ruas, foguetorio sem conto gira estridulo por esses ares.

Acabada que é a entrega dos ramos, cessa o reboliço e matinada. Mas logo ao lusco-fusco começa o ambiente a ser furado de novo por immensos foguetes. São então os amigos dos mordomos, que vão ás portas d'elles encendiar a athmosphera Os mordomos recebem os seus amigos mostram-lhes mezas cobertas de bom doce e excellentes vinhos, obrigam-nos a comer e depois sae cada um para sua caza. Correm deste feitio as cousas durante dois dias. O enthusiasmo que se vê em tudo isto é maior e mais sincero, do que aquelle com que é applaudido um deputado no fim do seu discurso.

Uma couza tambem que é para se notar é a fraternidade que se observa entre os mordomos.

O cidadão,que põe gravata ao pescoço, enverga gabão de burel, cinge uma faxa, cobre uma carapuça vermelha, e aperta a mão e abraça o pescador, seu collega na mordomia da festa.

Quem tem ouvido fallar em fraternidade, e não sabe o que seja, mais que uma palavra, venha na occasião das festas do Natal a Aveiro, e vel-a-ha em pratica como nunca pensou que ella existisse.

Mordomo.—No nosso numero passado por esquecimento deixámos de fallar no nosso amigo Francisco Marques que merecia especial menção.

Entra os srs. mordomos, que se distinguiram no apparato, profusão e bom gosto das suas mezas, conta-se o nome do sr. Francisco Marques.

Não estivemos em caza do sr. Marques por essa occasião, mas consta-nos que o sr. mordomo não se poupou a despezas para que a sua meza fosse uma das primeiras, não só em quanto á abundancia, mas em respeito tambem ao bom gosto e aceio.

Visita.—Tivemos na segunda-feira a visita, nesta cidade, do nosso amigo e patricio, o sr. conselheiro Francisco de Mello, actual presidente do *Banco Lusitano*, e um dos directores da fabrica do tabaco de Xabregas. Ha 37 annos que o sr. Mello não vinha á terra do seu nascimento.

Na companhia de s. ex.ª vinham os srs. Ulrich e Brandão, igualmente directores da mesma fabrica.

Inspecção.—Desde hontem que os empregados da fiscalisação do tabaco tem andado a fazer a inspecção de todas as lojas de vendas de tabaco para na conformidade da lei, procederem a liquidação do imposto da licença.

Como os vendedores do tabaco são agora numerosos, é de crer que tenham trabalho para muitos dias.

Papel sellado.—Em consequencia da transmissão do exclusivo da venda do papel sellado dos vendedores da fabrica do tabaco de Xabregas para os da Boa Vista, tem hoje logar a entrega, perante o sr. administrador do concelho e escrivão da fazenda,do papel sellado, lettras e conhecimentos que existiam em poder do representante d'uma das companhias nesta cidade, para o representante da outra.

Os vendedores da companhia da Boa Vista na cidade já hontem começaram a vender papel de que haviam sido previamente surtidos, e consta-nos que para todos os outros pontos do districto se está fazendo remessa, afim de em nenhum se sentir falta.

A dificuldade do transporte para algumas localidades fará de certo com que em todas se não encontre o papel á venda ao mesmo tempo, como fôra para desejar.

Assembleias geraes.—No dia 6 devem ter logar, segundo a determinação dos respectivos estatutos as assembleias geraes da *Caixa Economica*, e da *Associação Aveirense de Soccorros Mutuos das Classses Laboriosas*.

Vão os annuncios para a convocação d'ellas na secção competente deste jornal.

Correio da Capital

(Do nosso correspondente)

Lisboa, 1 de janeiro.

O seu correspondente não pôde escrever, e pede-me que o substitua. Soceguem porém os leitores, que não estará o *Districto* privado, por largo espaço, de tão primorosa collaboração. A substituição é só hoje. Gosa, louvores a Deus, o seu correspondente de boa saude. Se alguma doença padece (o que não sei, nem que soubesse viria aqui chocalhar), poderá ser moral, phisica não.

Em boa porém me metteu o meu amigo. Encarrega-me da missa, e safa-se sem me dar mais palavra. Ora eu que já não curo de politica, e que até raras vezes leio jornaes, fiquei altamente embaraçado. Mas, em fim, era mister satisfazer o pedido do meu amigo, e lá vou eu á cata de noticias. Fiz o que pude, asseguro-o.

Relevem pois os leitores a pobreza em todo o sentido desta correspondencia, que, estou certo, o meu amigo os indemnisará largamente para o seguinte n.º do *Districto*.

Basta de *cavaco* e vamos ao que importa. Começarei pelos boatos de recomposição ministerial. Acredita-se que, depois da approvação da novação do contrato do caminho de ferro do sul e sueste, sairá do gabinete o sr. Aguiar, sendo substituido na presidencia e pasta do reino pelo sr. duque de Loulé.

Ha tambem quem affirme que o sr. Mendes Leal não se lhe dá de voltar á direcção dos negocios da marinha e ultramar. É verdade que s. ex.ª declarou-se gasto, mas, já se vê, temporariamente. Hoje está retemperado e refeito, e com vigor para recomeçar as reformas que tinha a peito levar a cabo, vencendo as innumeras difficuldades de que deu noticia quando saiu do ministerio. O caso está em levar o sr. visconde da Praia Grande a desgostar-se e pedir, por isso, a sua exoneração. Parece que se não descuidam d'isso, não os collegas do sr. visconde, mas os que contam que o sr. Mendes Leal o substitua. Ha sempre destas pequeninas coisas ! Ainda me dizem que o sr. Casal Ribeiro entrará para a pasta dos estrangeiros, ou para a de instrucção publica, que vae crear-se separando-se este ramo de serviço publico do ministerio do reino. Notavel intelligencia é em verdade o sr. C. Ribeiro, é mais que muito competente para a administração superior do paiz Mas a sua carta condemnando a fusão ? e a questão das irmãs da caridade, em que José Estevão lhe deu memoravel lição ? e o seu affecto ao beaterio, á reacção ? Não haverá pois nenhuma incompatibilidade para que s. ex.ª faça parte do actual gabinete ? Fica de pé esta interrogação. Responda o leitor que mais ao corrente estiver dos successos.

— Vão ser nomeados pares do reino os srs. Roque Fernandes Thomaz e visconde da Costa. Ficam por tanto duas vacaturas de deputados — as dos circulos de Felgueiras e Amarante. Pelo primeiro será proposto o sr. Custodio José Vieira, e pelo segundo o sr. D. Luiz de Camara Leme. Diz-se isto, mas não lhe dou inteiro credito. São ambos regeneradores, e não adheriram francamente á fusão. O primeiro fazia politica por sua conta e risco ; o segundo optou pelo quadrumvirato. Parece-me que os homens que lealmente acompanharam a fusão na opposição têem agora mais direito ao apoio ministerial.

— Ouço que existem no ministerio das obras publicas propostas de uma companhia, formada de homens respeitaveis e emprehendedores, para colonisar o Alemtejo. E' sabido que muita gente tem por certo que a novação do contrato do caminho de ferro do sul é ruinosa no paiz. Póde porém não o ser, se aquella companhia de colonisação levar por diante o seu proposito. Para isto cumpre ao governo dár-lhe todo o apoio e protecção. Se antes do contrato deviam fazel-o, agora com muita mais rasão

— A proposito do contrato. Dizem-me que o ex-redactor da *Opinião*, jornal do quadrumvirato de triste memoria, que tinha por primeiros e mais poderosos sustentaculos os respeitaveis (olhem que é ironia) José da Costa e Rocha Peixoto, está defendendo o contrato no *Campeão*, ao passo que o illustrado (!) representante do circulo d'Aveiro, proprietario do periodico vota contra o mesmo contrato, na camara. Cada um faz politica lá a seu gosto. Ambos porém caminham para o mesmo ponto. O Firmino, dizia não ha muito, ao sr. Foutes : «v. ex.ª não quer um *bom* amigo ! » Queria ser ministerial, mas pretendia de certo alguma compensação.

O Vilhena é que entende que o parente vae caminho errado, e tomou outro rumo. E' que «gato escaldado, de agua fria tem medo». Por causa de uma coisa, a que elle deu o nome pomposo de — independencia — mas que em portuguez de lei se chama — abuso de confiança — esteve ahi largo periodo em dolorosa abstinencia ! E' por isto que o Vilhena parece que dissera ahi : «n'outra não caio eu». Muito agradecido deve de estar o ex-redactor da *Opinião*, cujos artigos faziam aqui rir as pedras, ao sr. Taborda, que o fez assim tão prudente e ajuizado.

— O digno par do reino o sr. José da Costa dizia, ha dias, no theatro, a um amigo — que estava muito inclinado a ser ministerial. Começam a fazer-lhe falta os favores da auctoridade ! Aos politicos assim chama-se — pitanceiros. Não podem ser opposição, porque neste caso não têem direito a pedir nada. E tem por aqui muitos companheiros o digno par. Não têem coragem para se conservarem adversarios honestos e briosos, porque só podem manter alguma influencia á sombra do poder, visto que por si só nada valem. Deploravel desmoralisação politica. Se isto assim continua, acabam-se as opposições serias. Teremos adversarios mas só até que os ministros se resolvam a dispensar-lhe algum favor.

— No *Diario de Lisboa* de sabbado vem posta a concurso a egreja parochial de Santo Antonio da Oliveirinha. Segundo me asseguram andou aqui a fervilhar pela secretaria da justiça o eloquente (!) deputado por esse circulo, implorando aos empregados para que a egreja não fosse por ora posta a concurso. Esperava, o digno amigo do José da Costa, pelas cebolas do Egypto ; affigurou-se-lhe de certo que o irrisorio quadrumvirato poderia voltar ao poder, e que podia então despachar o actual encommendado, em paga das gentilesas eleitoraes d'este. Tem já o primeiro mallogro. O resto virá breve. O sr. encommendado pucha agora as orelhas, mas não lhe deitam uma gota de sangue. Tenha paciencia. E-te mundo não se fez para asnos, diz um politico que eu conheço. Julgava o sr. encommendado que o reinado das mediocridades era eterno, e n'isto é que mostrou a sua escacez de bom tino. A lição agora ha de aproveitar-lhe como ao Vilhena aproveitou a que lhe deu o sr. Taborda.

— O casamento civil continua a dar que fazer ao beaterio. A *Nação* publica uma representação de algumas piedosas senhoras, que melhor fariam em educar bem os filhinhos em vez de os entregarem a uma boçal ama, e deixarem a resolução das cousas publicas a quem isso compete.

O sr. D. Antonio da Costa publicou tambem um folheto em resposta á carta do sr. Alexandre Herculano. Está bem escripto, e argumenta com alguma vantagem ácerca da interperpretação do que sobre a religião do estado diz a Carta Constitucional. Não foi tão feliz n'outros pontos o sr. D. Antonio. Parece crêr que não haverá verdadeira estima entre os esposos, e que nem os filhos respeitarão os paes que tiverem casado civilmente antes do que pelos laços indissoluveis do sacramento.

Pouco me importa que o casamento civil se estabeleça, por que não vejo que d'ahi possa resultar bem ou mal ao paiz. Mas é ridiculo virem cá com taes argumentos. O filho não respeita o pae porque este casou catholicamente, mas porque é seu pae, porque uma voz intima lhe diz que o deve amar. Tambem não é á egreja que os esposos vão buscar amor e entranhada affeição. Não vemos nós ahi todos os dias tantos pares a mimosiarem-se com bordoada de criar bicho ? E com tudo foram casar á egreja.

— Suas Magestades regressaram no sabbado a esta capital. Foram recebidas com vivas demostrações de intima satisfação, o que prova o amor que o nosso povo tem aos seus monarchas. Dos jornaes d'aqui podem ahi transcrever a noticia da recepção que tiveram os augustos viajantes.

— O sr. C. Bento empalmou tambem o seu discurso ácerca da lei de imprensa. Diz o *Diario* — que na mesa dos tachigraphos se não ouviu o illustre deputado — Alguma cousa havia o sr. C. Bento aprender com o sr. conde d'Avila. Aprendeu a sumir os discursos. Não foi pouco.

— Quem escreve estas linhas é o antigo correspondente do *Districto*. Em breve tenho de sair de Lisboa, e aproveito agora a occasião, visto que o não fiz em tempo, para enviar um aperto de mão aos leitores benevolos. *L. M.*

ULTIMOS DESPACHOS

Lisboa 29 ás 9 h. e 45 m. da manhã

Roma, 27. — Levantaram-se as quarentenas.

Pariz, 23. — A «France» desmente a noticia de que Montholon tenha mandado o seu secretario receber instrucções do seu governo relativamente á America e que tenha ameaçado sahir de Washington se Johnston o acreditasse junto de Juarez como ministro.

Idem 29 ás 4 h. e 45 m. da tarde

Londres, 29.— O desconto elevou-se a 7 p. c.

Pariz, 29.—No banco o numerario diminuiu 4 1/3 milhões, a carteira augmentou 31 1/2.

Madrid, 29.—Consolidados 39,60 —Differidos 36,30.

Londres, 29.—Consolidados inglezes 87 3/8—3 p. c. portuguezes 46 3/4.

Pariz, 29. — 3 p. c. francezes 68 05—4 1/2 p. c. 93.

Idem 30 ás 4 h. e 30 m. da tarde

Florença, 29.—Chegou Lanza. Orei tambem é esperado.

Francfort, 29.—Tem havido alguns «meetings» nos quaes se pede a execução do tratado do Zollverein com a Italia.

Londres, 29. — No Banco de Inglaterra a carteira augmentou 879,000 libras sterlinas, as notas diminuiram 453,000 e o numerario 469,000.

Londres, 30.—Consolidados 87 1/4—3 p. c. potuguezes 46 3/4.

Pariz, 30.—3 p. c. 68—4 1/2 p. c. 93.

Madrid, 30.—Consolidados 39,65 —Differidos 36,30.

Commercio

Mercados nacionaes

Porto, dezembro 29

Farinha de milho	$560 a	$570
Trigo serodio	$820 a	$910
» barbella	$720 a	$730
» ribeiro	$910 a	$920
» da Maia	$900 a	$920
» vareiro	$900 a	$920
Feijão branco	$720 a	$740
» vermelho	$790 a	$800
» rajado	$630 a	$640
» frade	$580 a	$600
» amarello	$720 a	$730
Milho da terra	$500 a	$510
» estrangeiro	$460 a	$470
Centeio	$570 a	$560
Cevada	$420 a	$440
batatas (arroba)	$320 a	$330
Azeite (almude)	4$600 a	4$800

Annuncios

(1) Da parte do sr. presidente d'Assembleia Geral d'Associação Aveirense de Soccorros Mutuos das Classes Laboriosas, são convidados todos os socios para no dia 6 do corrente pelas 2 horas da tarde se reunirem no edificio do Lyceu Nacional, afim de se proceder á eleição da gerencia para o anno corrente, como dispõe o artigo 33.º dos estatutos.

Aveiro, 1 de janeiro de 1866.

O 1.º secretario

Antonio Maria Alves da Rosa.

CAIXA ECONOMICA DE AVEIRO

Da parte do ex.mo sr. presidente é convocada a assembleia geral para o dia 6 do corrente, em conformidade com os estatutos.

Aveiro, 1 de janeiro de 1866.

A. D. Pinheiro.
Secretario.

(1) José dos Santos Neves, de Aveiro, tem para vender uma morada de cazas com suas pertenças sitas na rua do cemiterio, de Ilhavo, as quaes lhe foram adjudicadas por execução que move contra João Marques de Carvalho, e filhos, e José Moreira Barreirinho da mesma villa, pelo preço da avaliação de 120$000 rs.

O annunciante quer vendel-as até ao dia 7 do corrente janeiro, a quem mais lhe der.

Vende-se a pharmacia, que foi de José Martins Pereira da Cruz, sita em S. Martinho de Pessegueiro, concelho de Sever do Vouga; os pharmaceuticos que a pretenderem, podem dirigir-se a Antonio José Martins Pereira, da mesma localidade, que se acha habilitado para dar as necessarias informações.

BANCO UNIÃO

SECÇÃO DE SEGUROS MUTUOS DE VIDA

A direcção lembra aos srs. subscriptores por annuidades para esta secção do BANCO, que até 31 do corrente têem a fazer as seguintes entradas, para não pagarem a percentagem por morosidade de que trata o artigo 21.º do regulamento.

3.ª para a liquidação de 1869.
2.ª para a liquidação de 1870.
1.ª e entrada unica de 1871.

Até á mesma data, ainda se tomam subscripções para a liquidação de 1870, pagando os subscriptores 12 p. c. sobre a entrada unica ou 1.ª prestação por já terem um anno vencido e liquidarem em 4 annos.

Para a liquidação de 1871 subscreve-se até 31 do corrente sem percentagem alguma por atrazo ; e do 1.º de janeiro até 31 de dezembro de 1866, ainda se poderá subscrever para esta liquidação, pagando 1 p. c. ao mez sobre a 1.ª prestação ou entrada unica.

Porto, 7 de dezembro de 1865.

Os directores,
José de Almeida Campos Junior.
F. M. van der Niepoort.

O agente em Aveiro.—*Agostinho D. Pinheiro Silva.*

AGENTE DE ANNUNCIOS ESTRANGEIROS

M. RAYMUNDO VASSIER

Agentes do dito sr. em Pariz—I. Labord & C.ª commissionnaires, rua de Boudy, 42 A. Laffont, escriptorio central de publicidade internacional, Impasse Mazagran, 3.

INJECÇÃO E CAPSULAS VEGETAES AO MATICO
GRIMAULT & C.IE PHARMACEUTICOS EM PARIS

Novo tratamento preparado com as *folhas de Matico, árvore do Peru*, para a cura rapida e infallivel da Gonorrhea sem reccio algum da contracção do canal ou da inflammação dos intestinos. O celebre doutor Ricord, de Paris, ter renunciado, desde sua apparição, ao emprêgo de qualquer outro tratamento. Emprega-se a *Injecção* no começo de fluxo; *as capsulas* em todos os casos chronicos inveterados, que resistirão ás preparações do copahu, cubeba e ás injecções com base metallica.

Deposito em *Paris*, 45, rue Richelieu, e em todas as farmacias de Portugal.

PHOSPHATO DE FERRO DE LERAS DOUTOR EM SCIENCIAS. INSPECTOR DA ACADEMIA DE PARIZ Etc.

Não existe medicamento ferruginoso tão notavel como o *Phosphato de Ferro de Leras*; as summi dades medicenes de mundo inteiro adoptaram-no com sollicitude sem igual nos annaes da sciencia. *As cores pallidas, dores de estomago, digestões penosas, anemia, convalescencias difficeis, idade critica nas senhoras, irregularidade na menstruação, pobresa do sangue, lymphatismo, são curados rapidamente ou modificados por esse excellente composto.* E'o conservador por excellencia da saude, e declarado superior nos hospitaes e pelas academias a todos os ferruginosos conhecidos, a *todo reto* ao *citrato* de ferro, por que é o unico que convem aos estomagos delicados, que não provoca constipação, o unico tambem que não en negrece a bocca e os dentes.

Deposito em *Paris*, 45, rue Richelieu, e em todas as farmacias de Portugal.

Responsavel. — M. A. L. DE MESQUITA. —

Typ. do «**Districto d'Aveiro.**»